



## A FORMAÇÃO DOCENTE PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA: DESCOLONIZANDO A FORMAÇÃO DE PROFESSORES COM A DISCIPLINA “CIVILIZAÇÃO IBÉRICA”

## THE TEACH TRAINING TO THE BASIC EDUCATION: DECOLONIZING THE TEACH TRAINING IN THE SIGNATURE “IBERIAN CIVILIZATION”

LUCIANO JOSÉ VIANNA<sup>1</sup>

Universidade de Pernambuco - Petrolina

### RESUMO

Neste artigo, apresentamos as nossas reflexões sobre a formação de professores de História através da nossa prática docente na disciplina Civilização Ibérica no curso de História na Universidade de Pernambuco, campus Petrolina. Inicialmente, realizamos algumas reflexões sobre a formação docente em História e o ensino de História a partir de uma abordagem sobre a Península Ibérica Medieval. Após isso, abordamos as possibilidades de se trabalhar com o tema Península Ibérica Medieval na BNCC e as reflexões que realizamos em nossa práxis de sala de aula na formação docente. Em seguida, apresentamos a proposta da disciplina Civilização Ibérica e os conteúdos que ministramos sobre a mesma. Por fim, problematizamos alguns aspectos conceituais na formação docente a partir da disciplina citada, assim como as possibilidades de se trabalhar em termos interdisciplinares. Tais reflexões são necessárias de serem realizadas em um contexto de formação de professores, haja vista que promovem uma problematização a partir de um pensamento historiográfico renovado, assim como outras possibilidades de se abordar o ensino de História Medieval no Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE: FORMAÇÃO DOCENTE; PENÍNSULA IBÉRICA MEDIEVAL; PENSAMENTO DECOLONIAL; INTERDISCIPLINARIDADE.**

### ABSTRACT

In this article, we present our reflections on the History teach training through our classroom practice in the signature Iberian Civilization (BA in History, University of Pernambuco, campus Petrolina). Firstly, we made some reflections on the History teach training and the History teaching from the Medieval Iberian Peninsula. After this, we highlight the possibilities of work with the Medieval Iberian Peninsula in the BNCC and the reflections on our praxis in the teach training. Then, we present the propose of the signature Iberian Civilization and the contains which we teach about the same. In the end, we stress some conceptual aspects in the teach training from the signature explained, as well as possibilities to work in the interdisciplinary way. These reflections are necessary to do in a context of teach training to promote a reflection from a renewed historiographic thinking, as well as other possibilities to stress the Medieval History teaching in Brazil.

**KEYWORDS: TEACH TRAINING; MEDIEVAL IBERIAN PENINSULA; DECOLONIAL THINKING; INTERDISCIPLINARITY.**

---

<sup>1</sup> Doutor em Cultures en contacte a la Mediterrània pela Universitat Autònoma de Barcelona (UAB). Pós-Doutor em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professor Adjunto de História Medieval na Universidade de Pernambuco (UPE)/campus Petrolina e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares (PPGFPI), campus Petrolina. Membro do Institut d'Estudis Medievals (UAB-IEM). Coordenador do Spatio Serti – Grupo de Estudos e Pesquisa em Medievalística da UPE/campus Petrolina. E-mail: <mailto:luciano.vianna@upe.br>. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## INTRODUÇÃO

Atualmente, existem várias Idades Médias em circulação: problematizadas na formação de professores e no âmbito escolar, presentes em documentos educacionais institucionais,<sup>2</sup> apresentadas em livros didáticos,<sup>3</sup> presentes em jogos eletrônicos<sup>4</sup> distorcidas em discursos públicos de várias naturezas,<sup>5</sup> representadas em filmes e séries,<sup>6</sup> presentes em histórias em quadrinhos<sup>7</sup> e compartilhadas no âmbito digital.<sup>8</sup> Assim, pensar que há somente uma divergência no que se refere ao Medievo entre dois primeiros cenários citados, ou seja, o universitário e o escolar é, portanto, pensar de forma superficial e desconsiderar questões mais amplas que envolvem este tema. Entretanto, mesmo considerando todos estes locais de manifestação do Medievo na atualidade, no caso do presente artigo, nossa proposta será refletir sobre a descolonização do ensino de História Medieval a partir da disciplina que ministramos no ensino superior intitulada Civilização Ibérica, no curso de Licenciatura em História da Universidade de Pernambuco, campus Petrolina.

A partir de diversas reflexões realizadas nos últimos anos, passou-se a considerar a possibilidade de abordar outros temas, outros territórios, outras perspectivas em termos de Medievo, fugindo de uma abordagem tradicional muito voltada para a formação do território francês, o que incidia diretamente não apenas no ensino de História, mas também na formação de professores.<sup>9</sup> Passou-se a refletir sobre a identificação de temas da História Medieval com a realidade do alunado brasileiro que estava em um contexto escolar. Este problema é derivado de uma série de situações, as

---

<sup>2</sup> BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Educação é a Base. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 05 dez. 2021.

<sup>3</sup> LIMA, Douglas Mota Xavier de. “A Idade Média nos livros didáticos”. In VIANNA, Luciano J. (Org.). *A História Medieval entre a formação de professores e o ensino na educação básica*. Experiências nacionais e internacionais. Rio de Janeiro: Autografia, 2021, p. 394-415.

<sup>4</sup> JIMÉNEZ ALCÁZAR, Juan Francisco. *De la edad de los imperios a la guerra total: Medievo y Videojuegos*. Murcia: Compobell, 2016.

<sup>5</sup> LANZIERI JÚNIOR, Carlile. “Ontem e hoje, o porta estandarte: reflexões sobre os usos do passado medieval, a estética bolsonarista e os discursos recentes da direita brasileira”. In *Roda da Fortuna – Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo*, v. 8, n. 2, p. 161-180, 2020.

<sup>6</sup> MACEDO, José Rivair. “Introdução – Cinema e Idade Média: Perspectivas”. In *A Idade Média no Cinema*. José Rivair Macedo; Lênia Márcia Mongelli (Orgs.). São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, p. 13-48.

<sup>7</sup> LANGER, Johnni. “O ensino de História Medieval pelos quadrinhos”. In *História, imagem e narrativas*, n. 8, p. 1-24, 2009.

<sup>8</sup> BIRRO, Renan; GRZYBOWSKI, Lukas Gabriel. “História Medieval, Internet e Tecnologias na formação de professores”. In VIANNA, Luciano J. (Org.). *A História Medieval entre a formação de professores e o ensino na educação básica*. Experiências nacionais e internacionais. Rio de Janeiro: Autografia, 2021, p. 68-91; BONALDO, Rodrigo; PIANTÁ, Lucas Tubino. “Curadoria digital e ensino de professores”. In VIANNA, Luciano J. (Org.). *A História Medieval entre a formação de professores e o ensino na educação básica*. Experiências nacionais e internacionais. Rio de Janeiro: Autografia, 2021, p. 92-106.

<sup>9</sup> NADAI, Elza. “O ensino de história no Brasil: trajetória e perspectiva”. In *Revista brasileira de História*. v. 13, n. 25/26, p. 143-162, set. 92/ago. 93.

quais, em conjunto, promovem este distanciamento, tais como, a própria influência historiográfica francesa em território brasileiro; os conteúdos propostos em livros didáticos apresentando tais temas; a abordagem de temas da História Medieval centrados em uma perspectiva tradicional da História, como, por exemplo, o conceito de invasões bárbaras e a representação social das três ordens, temas apresentados muitas vezes sem nenhuma problematização no ensino de história; a insistente presença de uma história política nos materiais escolares.<sup>10</sup> Desvinculados, portanto, de um diálogo com o desenvolvimento atual historiográfico mais atual, tais abordagens não poderiam ser consideradas atuais em termos sociais e atualizadas em termos historiográficos, fatos que proporcionavam a manutenção de temas que muitas vezes não despertavam interesse nos alunos em um contexto escolar.

Em se tratando de propostas historiográficas, observa-se que as propostas decoloniais tem cada vez mais se destacado em termos de pesquisa acadêmica<sup>11</sup> e tem servido para se observar melhor e de uma forma renovada diversas áreas da História, dentre elas a História Medieval, questão que incide, novamente, não somente no ensino de História, mas também na formação docente. Neste sentido, fazem parte destes novos olhares não somente temas e territórios, mas também objetos e propostas que revisam temas considerados tradicionais.

Em termos decoloniais, muitas propostas tem se voltado para trabalhar em um contexto de formação de professores com outros territórios que teriam mais aproximação com o contexto sócio cultural dos alunos brasileiros, como, por exemplo, o contexto peninsular ibérico.<sup>12</sup> Neste sentido, temos trabalhado em nossas disciplinas no contexto da graduação em História com a formação territorial da Península Ibérica durante o período medieval, tanto em disciplinas obrigatórias quanto em disciplinas eletivas. Assim, na disciplina História Medieval I trabalhamos a formação peninsular ibérica no começo do Medievo abordando os casos dos suevos<sup>13</sup> e dos visigodos,<sup>14</sup> assim como em História Medieval II quando trabalhamos com a questão da Reconquista na Península Ibérica.<sup>15</sup>

Neste artigo, propomo-nos realizar uma reflexão sobre a nossa práxis docente na disciplina intitulada Civilização Ibérica, a qual ministramos em um contexto de formação de professores. Para

---

<sup>10</sup> LIMA, 2021, p. 406.

<sup>11</sup> DEPLAGNE, Luciana Calado. “A contribuição dos escritos de mulheres medievais para um pensamento decolonial sobre Idade Média”. In *Revista Signum*, v. 20, n. 2, p. 24-56, 2019.

<sup>12</sup> MACEDO, José Rivair. “Repensando a Idade Média no Ensino de História”. In *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. Leandro Karnal (Org.). São Paulo: Contexto, 2016, p. 109-125.

<sup>13</sup> SILVA, Leila Rodrigues da. “A sacralidade e a belicosidade: o duplo perfil da monarquia sueva.” In *Brathair*, v. 1, n. 2, p. 62-67, 2001.

<sup>14</sup> SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. “A consolidação do Cristianismo hispano-visigodo em La Rioja”. In *Brathair*, v. 1, n. 2, p. 42-61, 2001.

<sup>15</sup> RUCQUOI, Adeline. *História Medieval da Península Ibérica*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995, p. 167-200; 215-249.

isso, seguimos o seguinte itinerário: inicialmente, realizamos uma reflexão sobre a formação de professores e sobre o ensino de história a partir de abordagens da Península Ibérica no Medievo; posteriormente, problematizamos as possibilidades de trabalho com este tema a partir de uma análise da Base Nacional Comum Curricular (BNCC); a seguir, apresentamos a proposta da disciplina que ministramos a partir dos temas que abordamos na mesma e; após isso, destacamos os conceitos e os aspectos interdisciplinares na proposta de ministrar esta disciplina em um curso de formação de professores. Neste sentido, nosso objetivo é textualizar nossa experiência em termos de formação de professores, fazendo uma reflexão entre formação docente, ensino de História Medieval, propostas decoloniais, documentos institucionais, práxis pedagógica e aspectos interdisciplinares.

Para isso, a metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, a partir do levantamento de diversas contribuições científicas relacionadas ao tema de abordagem neste artigo, destacando principalmente as formas pelas quais o tema foi trabalhado em outras ocasiões.<sup>16</sup> Além disso, também foi realizada uma análise documental, a partir da qual tratou-se de analisar o conteúdo dos trabalhos selecionados.<sup>17</sup> Ainda sobre os aspectos metodológicos, é necessário enfatizar que a elaboração deste artigo partiu do princípio de (re)pensar nossas ações na disciplina Civilização Ibérica a partir de um cenário múltiplo, através do qual refletimos sobre perspectivas temáticas, historiográficas, didáticas e metodológicas voltadas para a formação de professores. Neste sentido, este processo de reflexão sobre a nossa práxis a partir do exercício de textualização da mesma está de acordo com a proposta de Cruz e Hobold sobre a pluralidade do saber docente, uma vez que “o saber docente é plural e amalgamado, abarcando saberes da formação profissional, saberes disciplinares, saberes curriculares e saberes experienciais”.<sup>18</sup> Textualizar, portanto, a nossa práxis de sala de aula é considerar a realização de um refletir e repensar esta prática, contribuindo, assim, para uma modificação da ação pedagógica<sup>19</sup> no sentido de se repensar e renovar a formação de professores de acordo com propostas historiográficas e temáticas atuais. Sendo assim, é necessário considerar, também, a nossa ação como um profissional reflexivo em sua prática, principalmente em um contexto de formação de professores.<sup>20</sup>

---

<sup>16</sup> PRODANOV, Cleber Cristiano. *Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*/Cleber Cristiano Prodanov, Ermani Cesar de Freitas. 2ª.ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013, p. 54.

<sup>17</sup> BARDIN, Laurence. *Análise do conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016, p. 71.

<sup>18</sup> CRUZ, Giseli Barreto da; HOBOLD, Márcia. “Prática formativas de professores de cursos de licenciatura: diferentes estratégias para ensinar”. In ANDRÉ, Marli (Org.). *Práticas inovadoras na formação de professores*. Campinas: Papirus, 2018, p. 238.

<sup>19</sup> SANTOS, Lucíola Licínio de C. P. “Formação do professor e pedagogia crítica”. In FAZENDA, Ivani C. Arantes. *A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento*. Campinas: Papirus, 2012, p. 22.

<sup>20</sup> SANTOS, 2012, p. 27.

## REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE EM HISTÓRIA E O ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DA UMA ABORDAGEM SOBRE A PENÍNSULA IBÉRICA MEDIEVAL

Uma das propostas historiográficas que tem incidido no fazer e no pensar histórico atualmente, principalmente em relação às abordagens voltadas para o Medievo, tem sido o pensamento decolonial, através do qual se pretende revisar abordagens tradicionais em termos históricos.<sup>21</sup> Entretanto, tal pensamento pode ser aplicado não somente no contexto de formação de professores, destacando uma formação que problematize formas de abordagens históricas tradicionais revendo visões coloniais na formação docente,<sup>22</sup> mas também no âmbito do ensino de História, através do ato de “reconhecer identidades em geral deixadas por nós em segundo plano”.<sup>23</sup> De fato, como estes dois âmbitos estão interligados, ou seja, a formação docente em História e o ensino de História,<sup>24</sup> os mesmos devem ser pensados e problematizados em conjunto, uma vez que tais cenários se coincidem em diferentes perspectivas.

A proposta de se (re)pensar a formação docente em História a partir do conteúdo voltado para a História peninsular ibérica durante o Medievo se reforça ainda mais quando observamos como esta problematização é feita no contexto escolar, principalmente nas representações sobre este período nos livros didáticos. É necessário, portanto, pensar nesta perspectiva, uma vez que os professores que são formados no âmbito universitário poderão atuar justamente no contexto escolar. É nesse sentido que Marcelo Pereira Lima, ao analisar as representações da Península Ibérica nos livros didáticos, considera que o ato de “pensar criticamente o livro didático” é uma preocupação inseparável do ofício dos professores de História.<sup>25</sup> Além disso, Lima também aponta algumas razões para a política de esquecimento ou marginalidade dos estudos ibéricos medievais nos livros didáticos, tais como, o desenvolvimento geral dos estudos medievais no Brasil e a conseqüente demora da incorporação dos estudos medievais nos livros didáticos; a orientação bibliográfica acadêmica nas décadas de 1980 e 1990 que seguia uma familiarização com a historiografia francesa; as traduções de obras estrangeiras durante os anos 1980 e 1990 que abordam o Medievo, nas quais a grande maioria seguia uma

<sup>21</sup> GUNN, Simon. *Historia y teoría cultural*. Valência: Publicacions Universitat de València, 2011, p. 185-212.

<sup>22</sup> SILVA, Gilberto Ferreira da *et al.* “**Por uma formação docente na perspectiva decolonial**”. In *Anais VI Congresso Nacional de Educação*. Campina Grande: Realize Editora, 2019, p. 7-9. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/62090>>. Acesso em: 08/12/2021.

<sup>23</sup> MACEDO, 2016, p. 115.

<sup>24</sup> GUIMARÃES, Selva. *Didática e prática do ensino de História*. São Paulo: Papirus, 2012, p. 111-142.

<sup>25</sup> LIMA, Marcelo Pereira. “Representações da Península Ibérica Medieval nos livros didáticos: os (des)compassos entre a escola e a academia?”. In *Revista de História Comparada*, n. 6, v. 1, p. 165, 2012.

tendência francófila.<sup>26</sup> No que diz respeito à influência da historiografia francesa nas abordagens sobre o Medieval, por exemplo, Nilton Mullet Pereira explica o problema de se abordar conceitos que os modelos franceses não conseguem explicar, quando se refere a temas do espaço-tempo península ibérica medieval:

A Península Ibérica é uma região bastante diferente do modelo francês, portanto, com especificidades regionais que o modelo, reconhecido a partir da experiência francesa, não pode dar conta de explicar. É evidente que em toda a Europa e talvez fora dela, ocorreram experiências feudais que reconhecemos como tendo muitas semelhanças, o que permitiu criar um conceito como o feudalismo, entretanto, mais recentemente, os medievalistas têm atentado para as dificuldades explicativas do modelo francês, que não abrange as especificidades regionais (...).<sup>27</sup>

Recuperando as palavras de Macedo, o ensino de História Medieval voltado para o contexto peninsular ibérico e suas particularidades históricas “ganha outra dimensão”. Ao colocar em primeiro plano abordagens voltadas para o território peninsular ibérico, o ensino de História promove uma melhor compreensão sobre “nossas características herdadas, parte de nosso modo de ser e de pensar”<sup>28</sup> incidindo diretamente sobre a formação da consciência histórica do futuro docente. Assim, resgatando a afirmação de Selva Guimarães de que a função do professor de História é contribuir para a formação do cidadão,<sup>29</sup> refletir sobre a formação do futuro docente de História a partir de abordagens que o vinculam com o desenvolvimento do território brasileiro, neste caso, a partir do recorte temporal e espacial medieval peninsular ibérico, é fazer com que o mesmo proporcione aos estudantes da educação básica a formação de sua maturidade, pois “ninguém pode atingir plenamente a maturidade sem conhecer a própria história, e isso inclui, como não poderia deixar de ser, as fases mais recuadas do nosso passado.”<sup>30</sup>

E é neste cenário que precisamos repensar também a própria formação de professores de História, proporcionando aos futuros professores uma formação voltada para uma descolonização da História Medieval em termos curriculares brasileiros. Por exemplo, um tema presente no contexto peninsular ibérico que o destaca em relação a outros territórios são as trocas culturais que ocorreram durante o Medieval:

---

<sup>26</sup> LIMA, 2012, p. 189-192.

<sup>27</sup> PEREIRA, Nilton Mullet. “As representações do Outro nos livros didáticos de História, no Brasil e na Espanha: uma leitura inicial”. In *Revista Iberoamericana de Educación*, n. 50, v. 6, p. 7-8, 2009.

<sup>28</sup> MACEDO, 2016, p. 116.

<sup>29</sup> GUIMARÃES, 2012, p. 115

<sup>30</sup> FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Somos todos da Idade Média*. Reflexões de História. 2011. Disponível em: <https://reflexoesdehistoria.wordpress.com/2011/01/31/somos-todos-da-idade-media-por-hilario-franco-junior/>. Acesso em: 05 dez. 2021.

A Península Ibérica medieval oferece um claro e expressivo exemplo das trocas culturais na Europa entre as três religiões monoteístas (...). Pois, em nenhum lugar da Europa viveram tantos muçulmanos, judeus e cristãos juntos e, exatamente por este motivo, a Península nos apresenta tantos exemplos de contradição, como tolerância e rechaço, cooperação e perseguição, respeito e desprezo, alianças e guerras, testemunhos claros da diversidade europeia.<sup>31</sup>

De fato, como destacou Fernandes na iminência dos anos 2000, embora o Medievo tenha passado por uma renovação significativa dos seus estudos, o mesmo ainda é muito pouco conhecido por quem não é especialista,<sup>32</sup> afirmação que também é recuperada por Baschet, quando afirma que “a opinião comum continua sendo associar a Idade Média às ideias de barbárie, de obscurantismo e de intolerância, de regressão econômica e de desorganização política”.<sup>33</sup> Podemos prolongar tais afirmações para os dias atuais, haja vista a quantidade de abordagens equivocadas sobre este período histórico, distorcendo-o e divulgando-o de forma equivocada por meio de páginas online e que, de certa forma, alcançam a um público mais amplo que o público universitário ou escolar.<sup>34</sup> Assim, temos um problema que se manifesta há décadas em nosso cenário formativo docente nacional, e que precisamos repensar em termos de formação docente e escolar. O desconhecimento deste período histórico proporciona consequências catastróficas em termos de formação cultural e compreensão de valores e ideias vigentes que surgiram no Medievo e ainda se fazem presentes atualmente.

Proporcionar, portanto, um vínculo identitário entre cenários territoriais distantes espacialmente, como o peninsular ibérico e o brasileiro, a partir de uma proposta de formação docente e de ensino de História voltados para recortes temáticos sobre o território peninsular ibérico no Medievo, é trazer à tona uma especificidade histórica deste território e estabelecer uma consciência histórica identitária não somente com o contexto da formação de futuros docentes de História, mas também de tentar estabelecer reflexões mais próximas ao ensino de História no âmbito escolar. Segundo José Rivair Macedo:

Ao tomar a Península Ibérica como núcleo gerador da consciência histórica a respeito da Idade Média, o ensino de História cumpriria melhor o seu papel de revelar aos estudantes aspectos de nosso passado que continuam a interagir com o presente. Com efeito, é na especificidade da formação dos reinos cristãos ibéricos que se encontram

<sup>31</sup> SILVEIRA, Aline Dias. “Europeização e/ou Africanização da Espanha Medieval: Diversidade e unidade cultural europeia em debate”. In *História*, v. 28, n. 2. p. 645, 2009.

<sup>32</sup> FERNANDES, Raúl Cesar Gouveia. “Reflexões sobre o Estudo da Idade Média”. In *Revista VIDETUR*, v. 6, São Paulo, p. 8, 1999.

<sup>33</sup> BASCHET, Jérôme. *A civilização feudal*. Do ano mil à colonização da América. Rio de Janeiro: Globo, 2006, p. 23.

<sup>34</sup> LANZIERI JÚNIOR, Carlile. “Cavaleiros de papel: considerações sobre as histórias conectadas de diferentes usos do passado medieval na contemporaneidade dentro e fora do Brasil e seus possíveis impactos na formação do conhecimento histórico escolar”. In VIANNA, L. J. (Org.). *A História Medieval entre a formação de professores e o ensino na educação básica*. Experiências nacionais e internacionais. Rio de Janeiro: Autografia, 2021, p. 107-109.

os elementos do por que a Portugal e Espanha esteve reservado o papel do alargamento marítimo do mundo europeu, o que nos diz respeito diretamente.<sup>35</sup>

Trabalhar com aspectos voltados para a Península Ibérica medieval proporciona aos docentes de História em formação um olhar diferenciado em relação ao período histórico medieval, uma vez que a Península Ibérica medieval apresenta uma especificidade em termos históricos, assim como um conteúdo identitário com o cenário histórico brasileiro. É necessário destacar que em termos de pesquisas acadêmicas que tem como recorte temático a Península Ibérica Medieval alguns grupos de pesquisa já vem realizando um trabalho construtivo para a formação de professores no Brasil, como, por exemplo, o *Núcleo de Estudos Mediterrânicos* da Universidade Federal do Paraná (UFPR),<sup>36</sup> o *Scriptorium*: laboratório de estudos medievais e ibéricos da Universidade Federal Fluminense (UFF),<sup>37</sup> o grupo *O ensino da fé cristã na Península Ibérica* da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)<sup>38</sup> e o *Programa de Estudos Medievais* da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).<sup>39</sup> Este último grupo, por exemplo, em um artigo publicado sobre a abordagem da Península Ibérica Medieval nos trabalhos realizados no programa, destaca os desafios para se trabalhar com Idade Média ibérica, como, por exemplo, a falta de materiais como edições críticas de fontes e documentos ainda não digitalizados, a necessidade do conhecimento de línguas diversas presentes no medievo ibérico, uma busca por um equilíbrio entre teoria e prática empírica nos cursos de graduação e financiamentos de pesquisas discentes e auxílio para docentes.<sup>40</sup>

Outro aspecto que podemos destacar sobre a importância de se formar professores de História a partir de um olhar voltado para a Península Ibérica medieval é o fato dos vínculos históricos e culturais que este contexto apresenta com o desenvolvimento histórico brasileiro. Mongelli, no começo dos anos 2000, já destacava que através de uma consulta aos livros didáticos daquele contexto identificava o “adversário mais resistente dos estudos medievais no Brasil”, ou seja, “para a maioria incontestada do público medianamente culto, nossa história começa no século XVI, com Pedro Álvares Cabral e o ‘achamento’ do Brasil, com a era das Navegações.”<sup>41</sup> Considerar a história do Brasil a partir de um cenário inicial no século XVI é desconsiderar todo um conjunto de conhecimentos

<sup>35</sup> MACEDO, 2016, p. 116.

<sup>36</sup> Disponível em: <http://nemed.he.com.br/>. Acesso em: 12 dez. 2021.

<sup>37</sup> Disponível em: <https://www.historia.uff.br/scriptorium/2021/>. Acesso em: 12 dez. 2021.

<sup>38</sup> Disponível em: <https://umahistoriadapeninsula.com/>. Acesso em: 12 dez. 2021.

<sup>39</sup> Disponível em: <https://www.pem.historia.ufrj.br/>. Acesso em: 12 dez. 2021.

<sup>40</sup> SILVA, Andreia Cristina Lopes Frazão da. “A península ibérica medieval no Programa de Estudos Medievais de UFRJ”. In *Revista Diálogos Mediterrânicos*, n. 2, p. v. 1, p. 95-96, 2012.

<sup>41</sup> MONGELLI, Lenia Márcia de Medeiros. “A quem se destinam os estudos medievais no Brasil?” In MALEVAL, M. A. T. (Org.). *Encontro Internacional de Estudos Medievais*, 3, 1999, Rio de Janeiro. Atas do III Encontro Internacional de Estudos Medievais. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2001, p. 149.

históricos advindos de um contexto local,<sup>42</sup> oriundos de um cenário africano<sup>43</sup> e também de um âmbito peninsular medieval ibérico, pois, recuperando as palavras de Hilário Franco Júnior, “as raízes do Brasil evidentemente antecedem o Brasil. Elas são anteriores a 1500. Elas encontram-se no período que há muito se convencionou chamar de Idade Média.”<sup>44</sup> Neste sentido, de acordo com Macedo, devemos repensar a formação de professores no sentido de recuperar, estudar, analisar e problematizar os vínculos históricos que fizeram parte do processo que ocorreu a partir do século XVI em nosso território, de forma a “compreender melhor nossas características herdadas, parte de nosso modo de ser e de pensar”:

Para nós, faz muito sentido compreender a formação dos países ibéricos, pois isso nos permite compreender melhor nossas características herdadas, parte de nosso modo de ser e de pensar. Tendo isso em mente, alíás, o ensino de História Medieval ganha outra dimensão. A ênfase no ensino de aspectos históricos da Península Ibérica teria muito mais propriedade educativa do que o ensino da História modelada na França ou na Inglaterra, pelo simples fato de pertencermos a um conjunto cultural específico, no caso, o ibero-americano.<sup>45</sup>

## **A PENÍNSULA IBÉRICA MEDIEVAL NA BNCC: ALGUMAS AÇÕES DA NOSSA PRÁXIS DE SALA DE AULA**

O recorte sobre o Medieval aparece no sexto ano da BNCC. Porém, o recorte espacial específico sobre a Península Ibérica Medieval não aparece de forma explícita no texto da BNCC. De todos modos, observando as unidades temáticas, os objetos de conhecimento e as habilidades dispostas no sexto ano de História podemos observar algumas possibilidades de trabalho com temas vinculados à história da Península Ibérica Medieval. Abaixo destacamos algumas possibilidades a partir de nossa práxis docente em sala de aula na formação de professores. Obviamente outras possibilidades poderiam ser destacadas, porém, selecionamos aquelas as quais vinculamos a nossa práxis e a nossa abordagem nas disciplinas que ministramos:

---

<sup>42</sup> ALMEIDA, Maria Regina Celestino. *Os índios na História do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

<sup>43</sup> MACEDO, José Rivair. *História da África*. São Paulo: Contexto, 2019.

<sup>44</sup> FRANCO JÚNIOR, Hilário. “Raízes medievais do Brasil”. In *Revista USP*, n. 78, p. 82, 2008.

<sup>45</sup> MACEDO, 2016, p. 116.

### QUADRO 1

Casos	Unidades temáticas	Objetos de conhecimento	Habilidades
1	Lógicas de organização política	- A passagem do mundo antigo para o mundo medieval. - A fragmentação do poder político na Idade Média	(EF06HI14) Identificar e analisar diferentes formas de contato, adaptação ou exclusão entre populações em diferentes tempos e espaços.
2	Lógicas de organização política	- O Mediterrâneo como espaço de interação entre as sociedades da Europa, da África e do Oriente Médio	(EF06HI15) Descrever as dinâmicas de circulação de pessoas, produtos e culturas no Mediterrâneo e seu significado.
3	Trabalho e formas de organização social e cultural	- O papel da religião cristã, dos mosteiros e da cultura na Idade Média	(EF06HI18) Analisar o papel da religião cristã na cultura e nos modos de organização social no período medieval.

**Fonte: BNCC (2018)**

Como podemos ver, no contexto da História Medieval na BNCC, localizada particularmente no sexto ano do ensino fundamental, observamos que não há uma possibilidade de se trabalhar diretamente com conteúdos e problematizações voltadas para o medievo peninsular ibérico. Neste sentido, podemos afirmar que a BNCC em sua formulação com suas versões entre os anos de 2015 e 2017, não apresenta propostas diretamente relacionadas à abordagens destes territórios.

Entretanto, a partir de uma análise da BNCC, identificamos três casos através dos quais seria possível abordar conteúdos relacionados à Península Ibérica Medieval voltados para a formação docente. Em relação ao primeiro caso, com a unidade temática “Lógicas de organização política” e os objetos de conhecimento “A passagem do mundo antigo para o mundo medieval” e “A fragmentação do poder político na Idade Média”, destacamos as possibilidades de abordagens temáticas entre os séculos III e VI quando ocorre um processo de reorganização política e territorial na Península Ibérica. Neste caso, podem ser abordados estudos de caso voltados para o contexto suevo e visigodo, precisamente voltado para a Península Ibérica, aspectos que destacamos em algumas de nossas aulas da disciplina História Medieval 1, como comentamos anteriormente. Tais recortes possibilitam trabalharmos questões voltadas, por exemplo, para as características da realeza sueva,<sup>46</sup> as relações entre os grupos suevos e os demais grupos já presentes no território peninsular ibérico no momento de sua instalação<sup>47</sup> e as características da presença visigoda neste contexto a partir da expansão do cristianismo.<sup>48</sup> Tais abordagens têm como característica a fragmentação do poder

<sup>46</sup> SILVA, 2001, p. 62-67.

<sup>47</sup> SILVA, Leila Rodrigues da. “Os suevos na Crônica de Idácio e nas Histórias de Isidoro de Sevilha”. In *Brathair*, vol. 10, num. 2, p. 14-25, 2010.

<sup>48</sup> SILVA, 2001, p. 42-61.

político já no cenário do início do Medieval, além do fato da interação entre tais grupos em seus processos de instalação na Península Ibérica.

Ainda com relação à unidade temática “Lógicas de organização política”, porém, voltada para o objeto “O Mediterrâneo como espaço de interação entre as sociedades da Europa, da África e do Oriente Médio”, a formação docente em História Medieval poderia destacar a formação territorial ao redor do Mediterrâneo, abordando territórios como o norte da África e da Península Ibérica com a expansão do Islã,<sup>49</sup> as diversas mutações do território do Império Bizantino desde a sua desvinculação política com o Império Romano do Ocidente até a sua tentativa de recuperação territorial da parte sudeste peninsular ibérica durante o período visigótico<sup>50</sup> e a formação do contexto espacial carolíngio, com foco na constituição da chamada Marca Hispânica, região de intenso contato com o mundo islâmico presente na Península Ibérica a partir do início do século VIII.<sup>51</sup> Tais aspectos trabalhamos na disciplina História Medieval I.

No terceiro caso, com a unidade temática “Trabalho e formas de organização social e cultural” e o objeto de conhecimento “O papel da religião cristã, dos mosteiros e da cultura na Idade Média”, poder-se-ia abordar precisamente o aspecto particular que as religiões desenvolveram no território, como, por exemplo, a interação religiosa em termos sociais, com as figuras dos mudejâres e moçárabes, fenômenos que não deixam de ser considerados como surgidos em um contexto de tolerância religiosa.<sup>52</sup> Além disso, sobre o aspecto cultural, podem ser destacados, por exemplo, a tradição literária islâmica surgida na Península Ibérica,<sup>53</sup> as trocas culturais linguísticas em termos de produção de conhecimento, como, por exemplo, a Escola de tradutores de Toledo e toda a sua complexidade<sup>54</sup> e também as próprias traduções do árabe no contexto peninsular ibérico.<sup>55</sup>

Pode-se observar que nos três casos destacados acima foram enfatizadas as possibilidades de se trabalhar com a Península Ibérica a partir das propostas presentes na BNCC com respeito ao período medieval, e para isso destacamos os recortes temáticos que trabalhamos em nossa práxis de sala de aula nas disciplinas História Medieval I e História Medieval II. Enfatizamos que estas

<sup>49</sup> PALAZZO, Carmen Lícia. “As múltiplas faces do Islã”. In *Saeculum*. Revista de História, n. 30, p. 161-176, jan/jun 2014.

<sup>50</sup> RUNCIMAN, Steven. *A civilização bizantina*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977, p. 67-107.

<sup>51</sup> LE GOFF, Jacques. *As raízes medievais da Europa*. Rio de Janeiro: Vozes, 2005, p. 49-63.

<sup>52</sup> FLETCHER, Richard. *A cruz e o crescente*. Cristianismo e islã, de Maomé à Reforma. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014, p. 56; 120-123.

<sup>53</sup> VERNET, Juan. *Lo que Europa debe al Islam de España*. Barcelona: Acantilado, 2006.

<sup>54</sup> MAATAOUI, Mohamed El-Madkouri. “Las escuelas de tradutores en la Edad Media”. In *La enseñanza en la Edad Media*. X Semana de estudios medievales, Nájera, 2000, p. 103-105.

<sup>55</sup> GIL-BARDAJÍ, Anna. “La traducción del árabe en España. Panorámica histórica”. In *Quaderns: Revista de traducció*, n. 23, p. 61-66, 2016.

disciplinas são obrigatórias em nosso atual PPC e, dessa forma, os alunos, antes de cursar a disciplina Civilização Ibérica já cursaram as disciplinas História Medieval I e História Medieval II, já passando, portanto, por uma formação introdutória em termos de Península Ibérica e em termos de descolonização do ensino de História Medieval. Ademais, também dentro desta proposta de se trabalhar com territorialidades distintas das abordagens tradicionais em relação à formação de professores em História Medieval trabalhamos com diversos textos publicados recentemente e que abordam estas perspectivas, abordando questões metodológicas,<sup>56</sup> medievalismo e etnocentrismo<sup>57</sup> e a presença da História Medieval na BNCC.<sup>58</sup> Tais abordagens nas disciplinas de História Medieval I e História Medieval II proporcionam aos professores em formação um olhar crítico sobre o período estudado, assim como uma consciência com um olhar amplo e interativo entre conteúdos, métodos e historiografia.

### **A PROPOSTA DA DISCIPLINA CIVILIZAÇÃO IBÉRICA**

A proposta da disciplina Civilização Ibérica é realizada em uma natureza eletiva no PPC do curso de História com 30 horas, sendo um encontro semanal durante o semestre letivo. Embora seja uma eletiva, é necessário destacar que trabalhamos alguns aspectos da formação ibérica no Medievo nas disciplinas de História Medieval 1 e História Medieval 2, como apresentamos no subitem anterior. Também é necessário ressaltar que, como recentemente passamos por um processo de reformulação do PPC do curso, repensamos alguns aspectos desta disciplina para ser futuramente ministrada no curso novamente, como, por exemplo, o título da mesma voltado para a temporalidade do Medievo, intitulada “Formação dos Reinos Ibéricos”, assim como a atualização de temas, referências e autores e autoras. Em todo caso, os conteúdos que comentaremos neste artigo referem-se a nossa experiência ministrando esta disciplina no semestre 2019/1 e assim concentrar-nos-emos nesta experiência.

Os conteúdos temáticos da disciplina Civilização Ibérica estão localizados entre os séculos XI e XV, servindo como complementação do cenário inicial deste território no Medievo, o qual abordamos em História Medieval I e em História Medieval II. A disciplina é dividida em duas partes. A primeira parte é composta pela abordagem de temas relacionados diretamente ao contexto

---

<sup>56</sup> FERNANDES, 1999, p. 7-14.

<sup>57</sup> PEREIRA, Nilton Mullet. “Ensino de História, medievalismo e etnocentrismo”. In *Historiae*, v. 3, n. 3, p. 223-238, 2012.

<sup>58</sup> PEREIRA, Nilton Mullet; TEIXEIRA, Igor Salomão. “A Idade Média nos currículos escolares: as controvérsias nos debates sobre a BNCC”. In *Diálogos (On-line)*, v. 20, p. 16-29, 2016; LIMA, Douglas Mota Xavier de. “Uma História Contestada: A História Medieval na Base Nacional Comum Curricular (2015-2017)”. In *Anos 90*, p. 1-21, 2019.

peninsular ibérico no recorte temporal destacado, tais como, 1) Guerra santa e Reconquista cristã depois do ano 1000;<sup>59</sup> 2) A formação do conceito de Reconquista;<sup>60</sup> 3) Aspectos religiosos;<sup>61</sup> 4) Muçulmanos e Judeus na Península Ibérica;<sup>62</sup> 5) Cristãos e Muçulmanos: contatos e conquista<sup>63</sup> e 6) Ensino de História Medieval Ibérica.<sup>64</sup> Realizados a partir de uma abordagem expositiva, os temas destacados acima favorecem o aprendizado do professor em formação de conteúdos voltados para a formação territorial ibérica entre os séculos XI e XV, a interação, diálogo e diversidade religiosa neste território, aspectos além do contexto bélico e questões voltadas para o ensino de História Medieval, muitos dos quais abordam questões além do que está presente em materiais como o livro didático. Nesta primeira parte também abordamos o documentário produzido pela BBC *Ciência e o Islã – O império da razão*,<sup>65</sup> através do qual são problematizadas questões referentes ao desenvolvimento científico no contexto islâmico, assim como o desenvolvimento do conhecimento em diversas áreas, tais como, a medicina, a astronomia e a matemática, além do filme *O 13º guerreiro*, através do qual podemos explorar algumas questões, tais como, a circulação de pessoas e de conhecimentos e interação cultural durante o Medievalo.<sup>66</sup> A utilização de filmes e documentários se justifica pelo motivo de que a formação do professor ocorre em diversas frentes e não se detem na formação inicial. De acordo com Guimarães:

A formação de professores é um processo educativo. Logo, não se inicia nem termina na educação superior (nos cursos de graduação e pós-graduação, aprimoramento). Como processo de aprender e ensinar e aprender a ensinar, desenvolve-se na experiência cotidiana, em diferentes tempos e espaços educativos, por exemplo, nos espaços de lazer: teatros, cinemas, meios de comunicação; em diferentes lugares de memória; museus, bibliotecas, igrejas, sindicatos; nos espaços e atividades formais e também informais.<sup>67</sup>

<sup>59</sup> FLORI, Jean. *Guerra Santa*. Formação da ideia de cruzada no Ocidente cristão. Unicamp: Editora da Unicamp, 2013, p. 267-304.

<sup>60</sup> RÍOS SALOMA, Martín F. “De la restauración a la Reconquista: la construcción de un mito nacional (Una revisión historiográfica. Siglos XVI-XIX)”. In *En la España Medieval*, 28, p. 379-414, 2005.

<sup>61</sup> FARRÉ TORRAS, Begoña. “Do apóstolo ao peregrino. A iconografia de São Tiago na escultura devocional medieval em Portugal”. In *Medievalista*, n. 12, p. 1-34, 2012.

<sup>62</sup> AYASO MARTÍNEZ, José R. “Tolerancia e intolerancia en los reinos cristianos de la España Medieval: el caso de los judíos”. In *MEAH*, v. 43, n. 2, p. 49-81, 1994; GUICHARD, Pierre. “Islã”. In *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. V. 1. São Paulo: Edusc, 2002, p. 633-649.

<sup>63</sup> CATLOS, Brian A. *Vencedores y vencidos*. Cristianos y musulmanes de Cataluña y Aragón, 1050-1300. València: Publicacions Universitat de València, 2010, p. 97-147.

<sup>64</sup> LIMA, 2012, p. 165-195.

<sup>65</sup> *Ciência e o Islã – O império da razão*. Produção Jim Al-Khalili. Síria, Irã, Tunísia e Espanha. Documentário da BBC. 58 minutos. 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ocsveagHeV0>. Acesso em: 12 dez. 2021.

<sup>66</sup> *O 13º guerreiro*. Direção de John McTiernan. Estados Unidos. Produtora Touchstone. 102 minutos. 1999.

<sup>67</sup> GUIMARÃES, 2012, p. 114.

Neste sentido, os temas destacados servem para criar uma identidade específica em relação ao contexto peninsular ibérico no Medievo, abordando aspectos desvinculados de uma perspectiva limitada e tradicional em relação ao território, como, por exemplo, a interação religiosa existente no período. Por exemplo, é destacada a mutação das relações entre a cristandade e o islã a partir do século XI e em relação aos povos não cristãos,<sup>68</sup> a apresentação do processo historiográfico que formulou o conceito de Reconquista, utilizado pela primeira vez durante o século XIX durante as invasões napoleônicas, um momento no qual as províncias espanholas se unificaram em prol de um passado comum que as diferenciava de outros territórios e no qual o conceito passou a ser entendido como uma guerra de independência contra os muçulmanos,<sup>69</sup> os aspectos religiosos do território, com a análise do caso da “contaminação da iconografia” de São Tiago, passando de uma figura identificada com um aspecto evangelizador com o Cristo para uma figura associada ao contexto da peregrinação, precisamente a partir do século XII, um século contundente em termos de Reconquista no território,<sup>70</sup> as questões de tolerância e intolerância para com os judeus nos reinos cristãos e quando e como o contexto de perseguição se ampliou nos séculos XIV e XV, o olhar voltado para o contexto islâmico, principalmente abordando os contatos com os âmbitos cristãos antes e depois do processo de Reconquista<sup>71</sup> e, por fim, os contatos entre cristãos e muçulmanos, desde os aspectos políticos, os contextos bélicos e de negociação, as trocas e as comunicações, e emigração muçulmana, a colonização cristã, a redistribuição e reorganização da terra e a transformação da sociedade cristã neste processo em seu contato com o mundo islâmico, que passou de um contexto de ocupação, para uma colonização e desta para uma consolidação da presença, principalmente após a vitória em Las Navas de Tolosa em 1212.<sup>72</sup>

A partir desta discussão voltada para a primeira parte da disciplina proporcionamos ao professor em formação uma gama de possibilidades de abordagens específicas em relação a este território, fazendo com que o mesmo construa um conhecimento plural e holístico sobre o mesmo, principalmente desvinculando-se de aspectos tradicionais e equivocados relacionados a este espaço e tempo.

A segunda parte da disciplina é apresentada pelos seminários temáticos, os quais tem como objetivo complementar as propostas apresentadas na primeira parte da disciplina, cujos temas são: 1)

---

<sup>68</sup> FLORI, 2013, p. 268-271.

<sup>69</sup> RÍOS SALOMA, 2005, p. 414.

<sup>70</sup> FARRÉ TORRAS, 2012, p. 8-10.

<sup>71</sup> AYASO MARTÍNEZ, 1994, p. 57-68; 71-72; GUICHARD, 2002, p. 633-649.

<sup>72</sup> CATLOS, 2010, p. 144-146.

A Reconquista como mito unificador;<sup>73</sup> 2) Sociedade e imaginário hispânico;<sup>74</sup> 3) A perspectiva islâmica;<sup>75</sup> 4) Política e fronteira;<sup>76</sup> 5) Guerra, violência e cavalaria em Portugal medieval<sup>77</sup> e 6) Formação da nacionalidade: o caso de Portugal.<sup>78</sup> Neste caso, a segunda parte da disciplina serve para problematizar temas específicos voltados para o espaço e tempo trabalhados anteriormente, dando continuidade a aspectos relacionados especificamente ao recorte espacial e temporal, proporcionando uma abordagem ampla em termos de formação de futuros professores de História desvinculando-se de questões tradicionais da disciplina.

Dando continuidade ao objetivo de ressaltar a especificidade histórica do território e do tempo abordados na disciplina, destacamos a Reconquista como “mito unificador”, através do qual os territórios de Portugal, Castela, Aragão, Navarra indentificaram-se na luta contra o Islã e a formação de uma “sociedade organizada para a guerra”,<sup>79</sup> o processo de povoamento, as ordens do “imaginário hispânico” e o peso da guerra na modelação social peninsular ibérica.<sup>80</sup> Da mesma forma, trabalhamos o conceito de fronteira, a partir da perspectiva física e construída em um cenário político e militar, destacando a mobilidade da mesma que obedecia justamente às modificações bélicas na Península Ibérica entre os séculos XI e XV, e como esta definição tornava-se plástica para as elites políticas da época,<sup>81</sup> a interação entre os aspectos da guerra, da violência e da cavalaria no Reino de Portugal no final do Medievo, e como estes âmbitos se entrelaçavam no contexto final da Reconquista,<sup>82</sup> finalizando com uma abordagem sobre a formação da nacionalidade no caso português e como os elementos para esta formação foram identificados e analisados por José Mattoso.<sup>83</sup>

Após apresentar as duas partes da disciplina em termos de conteúdo que abordamos na mesma, destacamos que se trata de fornecer ao professor em formação uma possibilidade de considerar este

---

<sup>73</sup> RUCQUOI, 1995, p. 215-229.

<sup>74</sup> RUCQUOI, 1995, p. 229-249.

<sup>75</sup> SILVA, Daniele Sandes da e BASTOS, Mario Jorge Motta. “Jihad: heranças e interpretações na civilização islâmica medieval”. In *Anais do VI Encontro Internacional de Estudos Medievais – Volume II*. Londrina: ABREM/UEL/UEM, 2007, p. 165-176.

<sup>76</sup> FERNANDES, Fátima Regina. “As elites políticas e o conceito de fronteira na Península Ibérica medieval”. In *Estudos Ibero-Americanos*, v. 30, n. 1, p. 7-32, 2004.

<sup>77</sup> BERTOLI, André Luiz. *Guerra, violência e cavalaria em Portugal (1367-1481)*. Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade de Lisboa, 2016, p. 11-24.

<sup>78</sup> MATTOSO, José. “A formação da nacionalidade”. In *História de Portugal*. José Tengarrinha (Org.). Bauru: Edusc; São Paulo: Unesp; Portugal: Instituto Camões, 2000, p. 7-17.

<sup>79</sup> RUCQUOI, 1995, p. 215-220.

<sup>80</sup> RUCQUOI, 1995, p. 230-245.

<sup>81</sup> FERNANDES, 2004, p. 7-32.

<sup>82</sup> BERTOLI, 2016, p. 11-24.

<sup>83</sup> MATTOSO, 2000, p. 7-17.

território e tempo de forma específica no processo histórico, desvinculando-se de uma abordagem tradicional em termos de formação de professores e de ensino de História, e privilegiando um cenário com o qual o aluno poderá ter uma identificação mais considerável em sua formação, aplicando sentido à mesma e fazendo com que o mesmo, quando trabalhar com conteúdos voltados para a História Medieval, reflita em seu processo de formação e em futuros momentos da docência em sala de aula.

### **ASPECTOS CONCEITOS E INTERDISCIPLINARES NA FORMAÇÃO DOCENTE NA DISCIPLINA CIVILIZAÇÃO IBÉRICA**

Em se tratando de abordagem sobre o cenário peninsular ibérico, o aspecto conceitual se destaca na formação inicial docente, uma vez que os mesmos recuperam aspectos da especificidade histórica do território e favorecem, assim, a sua abordagem.

Por exemplo, o conceito de guerra voltado para a modelagem da sociedade ibérica através do processo que conhecemos como Reconquista apresenta-se como uma especificidade do território, de forma que os aspectos bélicos que então se desenvolveram assumiram feições que proporcionaram especificidades ao desenvolvimento social da região.<sup>84</sup> O mesmo podemos afirmar sobre o já mencionado conceito de reconquista e a sua formulação histórica no século XIX, destacando que se trata de uma construção posterior ao contexto ao qual se refere.<sup>85</sup> A ideia de fronteira também se trata de um aspecto conceitual distinto quando comparado com outros territórios tradicionalmente apresentados quando se trata de História Medieval, uma vez que esta ideia estava justamente atrelada à dinâmica de conquistas e perdas territoriais entre cristãos e muçulmanos, favorecendo, portanto, a existência de uma fronteira móvel e dinâmica.<sup>86</sup>

Também não se pode esquecer uma das perspectivas mais características deste contexto e que muitas vezes não é problematizada na formação inicial de professores refletindo sua ausência no ensino de História Medieval, que é a interação entre os adeptos do islamismo e do cristianismo no contexto peninsular ibérico,<sup>87</sup> fato que serve para romper com muitas ideias equivocadas sobre o período, promovendo um outro olhar para a interação e o diálogo religioso existente, desvinculando

---

<sup>84</sup> RUCQUOI, 1995, p. 216.

<sup>85</sup> RÍOS SALOMA, 2005, p. 414.

<sup>86</sup> FERNANDES, 2004, p. 7-32.

<sup>87</sup> CATLOS, 2010, p. 97-147.

ideias equivocadas, como, por exemplo, o fato de que havia uma constante luta e guerra entre os pertencentes a estas duas religiões.

De acordo com Macedo:

[...] compreender o papel desempenhado por grupos de diferentes etnias no processo de formação medieval da Península Ibérica poderia nos ajudar a compreender traços da colonização ibérica posterior e da constituição de identidades coativas na América Latina, inclusive no Brasil (...). Referimo-nos aqui ao problema da coexistência étnico-religiosa entre muçulmanos, judeus e cristãos na Espanha e em Portugal, tanto no período de domínio islâmico, nos séculos VIII-XI, quanto no período de Reconquista cristã, nos séculos XI-XIII. (...). Sem essa convivência não teriam havido trocas culturais tão profícuas cujo melhor exemplo no campo intelectual é a conhecida Escola de Tradutores de Toledo, em boa parte responsável pela difusão do conhecimento grego no Ocidente por meio de obras árabes convertidas ao latim por tradutores judeus!<sup>88</sup>

Outro aspecto que trabalhamos na disciplina Civilização Ibérica é a proposta interdisciplinar nas aulas, o que proporciona a abordagens de distintos tipos documentais, apresentando uma diversidade temática e documental na formação inicial de professores. Com isso, este docente em formação inicial poderá pensar o ensino de História Medieval a partir de uma diversidade de abordagens, inclusive, resgatando uma “realidade” deste período histórico em termos de fontes documentais.

Como apresenta a versão definitiva da BNCC:

Para se pensar o ensino de História, é fundamental considerar a utilização de diferentes fontes e tipos de documento (escritos, iconográficos, materiais, imateriais) capazes de facilitar a compreensão da relação tempo e espaço e das relações sociais que os geraram. Os registros e vestígios das mais diversas naturezas (mobiliário, instrumentos de trabalho, música etc.) deixados pelos indivíduos carregam em si mesmos a experiência humana, as formas específicas de produção, consumo e circulação, tanto de objetos quanto de saberes. Nessa dimensão, o objeto histórico transforma-se em exercício, em laboratório da memória voltado para a produção de um saber próprio da história.<sup>89</sup>

Observamos termos centrais no fragmento acima retirado da versão definitiva da BNCC e que se relacionam às possibilidades interdisciplinares na formação docente inicial que problematizamos neste momento, como, por exemplo, “experiência humana” e “o objeto histórico transforma-se em exercício, em laboratório da memória voltado para a produção de um saber próprio da história”. Assim, se temos a necessidade de uma problematização da diversidade documental voltada para o contexto escolar, é necessária a realização de uma preparação na formação inicial docente. No caso

---

<sup>88</sup> MACEDO, 2016, p. 116-117.

<sup>89</sup> BNCC, 2018, p. 398.

da disciplina Civilização Ibérica, a diversidade documental que apresentamos refere-se a mapas que abordam as variações fronteiriças no período, documentos textuais, literários e iconográficos, documentários e fontes cinematográficas. Com exceção das duas últimas tipologias comentadas, as quais indicamos de forma específica neste artigo, as demais não foram indicadas de forma específica devido à quantidade das mesmas que utilizamos durante as aulas.

É certo que para cada tipo documental é necessário uma problematização metodológica específica, a qual realizamos antes da abordagem das fontes. Entretanto, o intuito de abordar esta diversidade documental na formação de professores refere-se não somente ao fato de demonstrar esta pluralidade, mas também fazer com que o futuro docente em um contexto de formação inicial possa estar preparado para trabalhar com este contexto histórico a partir de diferentes possibilidades. Segundo Lück, a perspectiva interdisciplinar é um processo que demanda a realização de um trabalho em conjunto, na tentativa de se sobrepor à fragmentação do ensino e proporcionando ao aluno uma visão global em relação ao tema trabalhado.<sup>90</sup> De acordo com Hilton Japiassú:

Deveríamos, antes, falar de objeto da interdisciplinaridade. Esta procede, em primeiro lugar, de uma crítica ‘universitária’ do saber. Trata-se de explorar as fronteiras das disciplinas e as zonas intermediárias entre elas. Em seguida, procede do desejo de uma nova adequação das atividades universitárias às necessidades sócio-profissionais ou econômicas. Portanto, de um lado, a interdisciplinaridade aparece como o instrumento e a expressão de uma crítica interna do saber, como um meio de superar o isolacionismo das disciplinas, como uma maneira de abandonar a pseudo-ideologia da independência de cada disciplina relativamente aos outros domínios da atividade humana e aos diversos setores do próprio saber; do outro, como uma modalidade inovadora de adequar as atividades de ensino e de pesquisa às necessidades sócio-profissionais, bem como de superar o fosso que ainda separa a universidade da sociedade.<sup>91</sup>

Segundo Japiassú, a abordagem interdisciplinar poderia favorecer a aproximação entre a universidade e a sociedade, tema que é central nas discussões sobre o contexto universitário na atualidade. De certa forma, trabalhar de forma interdisciplinar na formação inicial dos professores favorece aos mesmos aproximar-se de abordagens historiográficas contemporâneas que vem alcançando êxito em termos de pesquisa acadêmica, como, por exemplo, a História Pública, a qual apresenta as abordagens cinematográficas como uma de suas possibilidades.<sup>92</sup>

<sup>90</sup> LÜCK, Heloisa. *Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 64.

<sup>91</sup> JAPIASSU, Hilton. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976, p. 57.

<sup>92</sup> ALBIERI, Sara. “História pública e consciência histórica”. In *Introdução à história pública*. Juniele Rabêlo de Almeida, Marta Gouveia de Oliveira Rovai (Orgs.). São Paulo: Letra e Voz, 2011, p. 21; ZAHAVI, Gerald. “Ensinando história pública no século XXI”. In *Introdução à história pública*. Juniele Rabêlo de Almeida, Marta Gouveia de Oliveira Rovai (Orgs.). São Paulo: Letra e Voz, 2011, p. 61-62.

De todas as formas, trabalhar em um contexto de formação inicial de professores a partir de uma perspectiva interdisciplinar, a qual surgiu como cenário a ser seguido a partir do século XX como um movimento,<sup>93</sup> favorece esta formação a partir de um vínculo entre distintas áreas do conhecimento a partir de uma postura que aborde os conteúdos “em seu contexto, sua complexidade, seu conjunto”.<sup>94</sup> Dentro do vínculo entre a formação inicial de professores e o ensino de História, realizar esta formação com uma preocupação de abordagem interdisciplinar favorecerá o docente em sua práxis de sala de aula na educação básica um olhar mais amplo sobre o conteúdo abordado, uma vez que, no ensino de História, professores e alunos precisam utilizar “livros didáticos, livros não didáticos, filmes de ficção e documentários, histórias em quadrinhos, música erudita e música popular, paisagens e edificações, objetos tridimensionais, diferentes modalidades de imaginário social, computadores, jogos etc”.<sup>95</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, apresentamos algumas reflexões sobre a nossa práxis de sala de aula ao ministrar a disciplina Civilização Ibérica no nível de graduação em História em um curso de formação de professores. Para isso, realizamos uma reflexão sobre a formação de professores e sobre o ensino de História tendo como foco a história peninsular ibérica medieval, abordamos as possibilidades de trabalho com este tema a partir da BNCC, apresentamos a proposta da disciplina e por fim destacamos os conceitos e aspectos interdisciplinares na proposta da disciplina. Tais etapas listadas acima e que foram o itinerário deste artigo devem ser observadas a partir de uma forma interativa, holística, ou seja, são partes de nossa práxis de sala de aula que precisamos considerar na formação docente.

O ponto chave de nossas discussões neste artigo é a descolonização do ensino de História Medieval na formação de professores, tema que em alguns momentos ainda demonstra um aspecto tradicional em termos de temas e abordagens. Como comentado anteriormente, pensar a formação docente a partir de uma fuga de aspectos tradicionais pode favorecer ao futuro professor de História uma série de possibilidades de rompimento com questões tradicionais e que influenciam no ensino de História na atualidade.

---

<sup>93</sup> BARROS, José d’Assunção. *Interdisciplinaridade na História e em outros campos do saber*. Rio de Janeiro: Vozes, 2019, p. 10.

<sup>94</sup> MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000, p. 14.

<sup>95</sup> GUIMARÃES, Selva e SILVA, Marcos. *Ensinar História no século XXI: em busca do tempo entendido*. Campinas: Papirus, 2017, p. 125-126.

A realização deste exercício de escrita serve para auxiliar o professor a refletir sobre a sua prática de sala de aula, a qual pode ser problematizada no sentido de melhorar e adequar suas propostas para a formação de professores em uníssono com o desenvolvimento historiográfico atual. De certa forma, como uma das preoções constantes que apresentamos em nossas reflexões é sobre a distância entre o contexto escolar e o contexto universitário, abordar a história peninsular ibérica medieval pode proporcionar ao aluno em formação docente uma tentativa de estabelecer um vínculo com o contexto escolar no momento em que estiver ministrando uma aula neste âmbito.

A partir do exercício refletir textualmente sobre a experiência em ministrar uma disciplina em um curso de formação de professores, observamos que é necessário considerar em conjunto vários elementos, tais como, a própria práxis, o conteúdo curricular da formação de professores, as perspectivas temáticas, as discussões historiográficas e o conteúdo da BNCC, e a partir desta complexidade refletir sobre a disciplina e a sua contribuição para a formação docente, visando a preparação holística dos futuros professores para o contexto da educação básica.